

## **O conto da Aia e Os testamentos: da repressão à resistência das mulheres em Gilead**

Mirella Moraes de Borba  
(Universidade Federal de Pelotas, Brasil)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo se dedica a analisar os processos de resistência encontrados em duas obras literárias distópicas: *O conto da Aia* (1985) e *Os Testamentos* (2019), tendo como objetivo principal compreender a resistência como uma falha no ritual de interpelação dos sujeitos. Para isso, as análises seguirão os princípios teóricos da análise do discurso pecheuxtiana, em que os sujeitos se constituem por meio das condições de existência de que fazem parte. Sendo o corpus constituído por duas distopias, faz-se necessário compreender as condições de produção em que as essas obras surgiram, pois são produto da sociedade em que foram criadas.

**Palavras-chave:** Gilead, Análise do discurso, Pêcheux, Distopia e resistência.

**Abstract:** This paper seeks to analyse the processes of resistance found in two literary dystopias: *The Handmaid's Tale* (1985), and *The Testaments* (2019), having as a main goal the understanding of resistance as a flaw in the ritual of interpellation of subjects. In this regard, the analyses shall follow the principles of pecheuxtian discourse analysis, in which the subjects are built through the conditions of existence they are part of. As the corpus is made of two dystopian novels, it is necessary to understand their conditions of production, as they are a product of their society.

**Keywords:** Gilead, Discourse analysis, Pêcheux, Dystopia and resistance.

*Recibido:* 25 de abril. *Aceptado:* 13 de junio.

### **Considerações iniciais**

Distopia e resistência andam sempre juntas, seja no contexto sócio-histórico em que foram criadas, seja dentro de suas próprias histórias. A resistência que se manifesta dentro dos romances distópicos, pode ocorrer por meio dos personagens, que lutam contra o sistema implantado autoritariamente por condições de vida melhor, para si ou

---

1. Doutoranda em Letras (Texto, Discurso e Relações Sociais) na Universidade Federal de Pelotas.

para os seus semelhantes. Muitas vezes essa resistência não faz parte da realidade de grande parte dos personagens, que são alienados (ou acomodados) aos problemas enfrentados nas distopias, contudo sempre aparece um personagem que se rebela e tenta subverter as ordens do sistema.

Outra forma de resistência é a dos próprios autores ou autoras, que no momento de criação da história se valem do meio em que vivem e dos acontecimentos que os cercam. O contexto sócio-histórico dos autores é determinante na criação das histórias, pois as distopias respondem aos medos e problemas enfrentados pela sociedade. Dessa forma, são criados universos que trazem o pior da humanidade, do totalitarismo, deixando no leitor a sensação de que não seria tão impossível assim aquele universo se tornar realidade.

O presente artigo seguirá os princípios teóricos da análise do discurso pecheuxiana, portanto é fundamental seguir as condições materiais da criação dos romances. A AD foi criada por Michel Pêcheux entre os anos de 1960 e 1970 tendo como intuito analisar textos de ordem política e ideológica. Como base teórica da AD estão: a lingüística (amparado nos conceitos de Saussure, Pêcheux constituiu a língua como objeto teórico), a psicanálise (Pêcheux buscou em Lacan como o inconsciente se estrutura na linguagem) e o materialismo histórico (Pêcheux trabalhou com os conceitos de Althusser sobre a história e o sujeito). Ao longo dos anos a AD foi sendo discutida e transformada, contudo o tripé: lingüística, psicanálise e materialismo histórico continuam sendo os pilares da teoria.

Por muito tempo os textos literários não foram objeto de análise da AD, isso ocorreu, porque a teoria se concentrava em analisar textos não-fictícios, principalmente os do meio político. Entretanto, os textos literários são constituídos por elementos que são parte do mundo não-ficcional, como as lutas de classes, reprodução das relações de produção, Estados totalitários, entre outros. Conforme Silveira:

Ao elegermos um corpus de análise advindo da literatura, estamos levando em conta elementos essenciais da sua constituição, enquanto discurso, sobretudo por se tratar de um gênero literário narrativo, que por excelência, é responsável pelo “contar histórias” de/sobre/para um grupo social, enquanto constitutivo de um imaginário coletivo. (2004 18)

Sendo assim, os elementos presentes nos textos literários recuperam elementos advindos da história e são recontados pela ficção. Esse processo produz efeitos de sentido que trabalham no imaginário dos sujeitos. A produção dos efeitos de sentido passa pela compreensão dos processos históricos ocorridos na língua, ou seja, os sentidos são atribuídos em referências situacionais a outros discursos.

Para Orlandi (2012), “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não de-

pendem só das intenções do sujeito” (30). Partindo do princípio da análise do discurso pecheuxtiana de que o sentido não está colado à palavra, ele depende das condições materiais em que o enunciado surge, pois o sujeito que enuncia é sempre interpelado pela ideologia, pela língua e pelo inconsciente.

No caso dos discursos das distopias ocorre um embate entre o discurso não-ficcional e o discurso ficcional, no choque entre os dois surgem novos efeitos de sentidos que passam a circular no imaginário dos sujeitos. Levando em conta que os textos literários são da ordem do representacional, portanto, produzem um “efeito do real”, para Silveira (2004) o analista do discurso deve se atentar:

aos ecos das vozes que se produzem no social e que podem ser apreendidas no literário, porque elas produzem um “efeito de real” que não é alucinatório, mas que também não corresponde à realidade social, pensando como produto dado, pronto e acabado, pois a correspondência que existe entre o ficcional e a realidade social é da ordem da representação social é da ordem da representação e não da imitação. (21)

A fim de fazer uma observação objetiva das representações, é preciso compreender o período histórico a que fazem referência, pois ele irá determinar as condições de produção (CP) de criação dos romances. Faça-se necessário atentar para a distinção entre literatura e história, que são duas áreas diferentes do conhecimento. Enquanto a história se preocupa em analisar as transformações ocorridas na sociedade ao longo dos anos, a literatura não tem por objetivo reproduzir fielmente a realidade, já que tem a liberdade de trabalhar com as representações que se instituem por meio do referencial.

Os elementos apresentados nos romances distópicos são determinados pelas condições de produção (CP) em que os sujeitos-autores estão inseridos, parafraseando Orlandi (2015), todo texto, considerado por meio de suas condições de produção, é um discurso. O discurso só existe porque determinado enunciado está inserido em um contexto sócio-histórico-ideológico. Para Pêcheux (2011), a materialidade discursiva “enquanto nível da existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as «mentalidades» de uma época, mas remete às condições verbais de existência dos objetos em uma conjuntura dada” (151). Ou seja, a conjuntura dada é determinante para a produção dos discursos dos sujeitos. A materialidade discursiva analisada neste artigo está ancorada nas CP vividas pelos sujeitos.

Cito, mais uma vez, Pêcheux (2011), que afirma:

Se o discurso é uma materialidade histórica sempre já dada, na qual os sujeitos são interpelados e produzidos como “produtores livres” de seus discursos cotidianos, literários, ideológicos, políticos, científicos etc..., a questão primordial cessa de ser a da subjetividade produtora do discurso e torna-se a das formas de existência históricas da discursividade. (156)

Sendo assim, tudo aquilo produzido pelos sujeitos-autores é resultado das con-

dições sócio-históricas de que fazem parte, os dizeres produzidos por eles nos romances distópicos são um resultado das diferentes influências que sofreram.

### **As condições de produção de Atwood**

Neste artigo trabalharemos com dois romances distópicos, em que as CP remetem ao contexto sócio-histórico dos autores. Em *O Conto da Aia* de Margaret Atwood, publicado em 1985, em meio à segunda onda do feminismo e foi impulsionada pelo movimento *Hippie*. As discussões da segunda onda giravam em torno da violência doméstica e sexual, da livre escolha na maternidade e da luta por liberdade sexual. A Revolução Islâmica do Irã de 1979, que transformou a monarquia islâmica em uma república islâmica teocrática rígida e que reprimiu as mulheres, também serviu de inspiração para Atwood (1985) na criação do universo distópico aqui analisado.

Partindo desse contexto sócio-histórico a autora produziu uma distopia que se passa em um futuro próximo na República de Gilead, antigo EUA. Durante uma crise gerada pela má administração dos recursos e a baixa natalidade no país, o congresso foi derrubado por meio de um golpe político que instituiu um regime teocrático e totalitário. Nessa distopia as mulheres perderam praticamente todos os seus direitos e passaram a ser consideradas propriedades dos homens que detém o poder.

O ponto que mais chama a atenção em *O Conto da Aia* é a baixa natalidade na sociedade. Em um primeiro momento apresentada como consequência do uso anticoncepcionais, dos desastres naturais, acidentes radioativos e das infecções sexualmente transmissíveis, ocasionando assim infertilidade de grande parte das mulheres. Outro fator para o baixo índice de natalidade está na dedicação das mulheres às suas carreiras profissionais, deixando de lado o desejo de constituir família.

Atwood classifica suas obras como sendo de ficção especulativa, em *O Conto da Aia* ela aborda preocupações que permeavam a sociedade, na década de 1980 a questão reprodutiva estava em foco, pois com o advento da pílula anticoncepcional, bem como uma crescente expansão das mulheres no mercado de trabalho acarretou transformações nas famílias, que passaram a ter menos filhos. Para Silva (2018): “Desde a sociedade primitiva, a preocupação com a preservação da espécie e conseqüentemente com a ideia de fertilidade está enraizada na cultura e pensamento da humanidade tida como uma espécie de benção divina garantidora da procriação da espécie humana” (344).

Na distopia analisada a garantia da procriação da espécie humana é um dos principais objetivos da República de Gilead ao assumir o poder. Para isso, as mulheres são separadas em castas: as Aias, as Marthas, as Esposas, as Tias e as Econoesposas. Essa separação serve para que todas as mulheres de Gilead tenham uma função estabelecida, que visa à manutenção da reprodução das relações de produção.

O segundo livro analisado, *Os Testamentos*, se passa 16 anos após o *Conto da Aia* e acompanha os relatos de três personagens: Tia Lydia, Agnes e Daisy (bebê Nicole). O segundo livro da saga foi publicado em 2019, ou seja, mais de 30 anos após o primeiro. Momento de transformações no mundo inteiro, com a ascensão da direita em diversos países. Um exemplo é à entrada de Donald Trump na presidência dos EUA com discursos contra as minorias, a favor do fechamento das fronteiras e o negacionismo em torno das questões ambientais. Aqui no Brasil, a eleição de 2018 que colocou Jair Bolsonaro na presidência do país, materializou a ascensão do discurso da extrema direita entrelaçado com o discurso religioso, pregando a relevância da família tradicional brasileira.

Essas mudanças nos discursos são parte das CP em que Atwood se deparou no momento de elaboração da distopia *Os Testamentos*. Além disso, o lançamento da série *The Handmaid's Tale*, em 2017, que conta a história do primeiro livro, também impulsionou a sequência da saga, trazendo visibilidade para as questões abordadas pela autora.

Em *Os Testamentos*, Atwood (2019), introduziu mais uma classe de mulheres na história, as Pérolas, composta por jovens meninas que estão se preparando para serem Tias. Elas têm como objetivos recrutar jovens interessadas em viver em Gilead, para isso são mandadas para outros países como o Canadá.

## O sujeito nas distopias

Antes de qualquer coisa, é preciso estabelecer que a análise do discurso trabalha, essencialmente, com o sujeito materialista, ou seja, o sujeito que se forma a partir das condições históricas e ideológicas em que ele está inserido. Utilizarei a teorização sobre o sujeito de Orlandi (2015) que deve ser pensado enquanto um sujeito assujeitado, um sujeito que é interpelado pela linguagem, ideologia e história. É por meio do discurso que os sujeitos se constituem como tais: “não há discurso sem sujeito e não sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua funciona” (15). Com isso, o sujeito irá posicionar o seu discurso em relação ao do outro, enunciando a partir de determinado tempo e espaço socialmente situados.

Dessa maneira, é eliminada qualquer possibilidade de trabalhar com um sujeito empírico, uma vez que na perspectiva pecheuxtiana os sujeitos são sempre já sujeitos, pois são antes mesmo do nascimento interpelados ideologicamente, um exemplo disso são os nomes, cores de roupas, tipo de tratamento, etc. O sujeito da AD é o sujeito inscrito na história, que é atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, sendo assim, os enunciados não são individuais do sujeito falante, mas sim, resultados do processo de interpelação sofrido por ele.

No corpus discursivo analisado nesse artigo existem três sujeitos diferentes: o sujeito-autor, sujeito-leitor e sujeitos-ficcionais. Sendo o último um produto de criação ficcional do sujeito-autor, que representam ou reproduzem discursos próprios do momento em que foram criados. Os personagens, portanto, tem determinadas filiações ideológicas definidas pelo autor, que ao inseri-las em determinado contexto sócio-histórico da ficção os assujeita.

Para Courtine (2014), a interpelação-assujeitamento do sujeito falante ocorre por meio da formação discursiva (FD) com a qual o sujeito se identifica, pois é por meio do “interdiscurso como lugar de formação dos pré-construídos e da articulação dos enunciados que se constitui o enunciável como exterior ao sujeito de enunciação” (76). As FD são constituídas das formações ideológicas com as quais os sujeitos se identificam no momento da enunciação.

### **Distopias e os Aparelhos Ideológicos de Estado**

A utopia enquanto gênero literário surgiu a partir da obra de Thomas Morus de mesmo nome, *Utopia*. Nela o viajante, Rafael, encontra uma terra “perfeita”, em que a sociedade é justa e as pessoas são felizes, com abundância de comida. O relato do viajante demonstra um contraste com o contexto que Morus vivenciava que era a Inglaterra nos anos de 1516. Por meio do relato de Rafael, o autor tece críticas ao sistema de industrialização forçada na Inglaterra do período. Assim, o autor demonstra uma insatisfação com o momento em que vive por meio da *Utopia*. Segundo Lopes (2004):

A crítica mordaz das questões sociais de sua época nos dá uma medida mais exata das implicações políticas de sua *Utopia*: ele queria eliminar a distância social existente entre as classes abastadas e os numerosos pobres de seu tempo. Morus teve a pretensão típica de um humanista cristão: reduzir a pobreza fazendo a riqueza recuar a patamares compatíveis com os de uma sociedade fraterna. E isto seria possível, segundo está expresso em sua obra, se todos recebessem tratamento indiferenciado em um novo ordenamento hierárquico. (142)

A utopia enquanto gênero literário se desenvolveu como resposta de um contexto sócio-histórico com sérios problemas sociais. A utopia, assim, busca por mudanças na sociedade, por meio de uma sociedade que não existe, como no próprio nome: *u + topos*, o não-lugar, “o espírito utópico sempre prevê e/ou propõe mudanças e, via de regra, tais mudanças sempre são para melhor” (Marks, 2014 12). A esperança em uma transformação na sociedade para melhor é o que caracteriza uma utopia.

Embora as utopias tenham como objetivo propor mudanças para melhor, é preciso levar em consideração o ponto de vista do observador. Nessa perspectiva obras como *Admirável Mundo Novo, 1984, O Conto da Aia ou Jogos Vorazes*, poderiam ser con-

sideradas como utopias, caso o observador fosse favor aos regimes totalitários presentes nessas obras.

Por outro lado, a distopia é caracterizada como uma visão pessimista da utopia, ela também prevê uma transformação baseada nas condições de existência da sociedade. Contudo, nas distopias as mudanças retratadas são para uma piora na sociedade. Retratam, dessa forma, uma realidade que poderia surgir (ou não), a partir do momento histórico em que são criadas. Para Hilário (2013): “O romance distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos” (212).

As distopias, portanto, são construídas como um sinal de alerta dos caminhos que a sociedade pode vir a tomar. Em grande parte das distopias existe um Estado totalitário, que por meio da força subjuga a sociedade, a fim de manter a reprodução das relações de produção, fazendo, dessa forma, com que os sujeitos inseridos nessas sociedades se assujeitem à ideologia dominante.

Segundo Althusser (1987) a manutenção da reprodução das relações de produção é assegurada pelo poder do Estado por meio dos Aparelhos de Estado: tanto os Aparelhos Ideológicos de Estados (AIE) como pelos Aparelhos Repressivos de Estado (ARE). Sendo assim, os AIE e os ARE são utilizados pelas classes dominantes para manter seu status de dominação, são “o local e o meio da realização da classe dominante” (Pêcheux, 1999 144).

A transformação/reprodução das relações de produção não é derivada, unicamente, das condições ideológicas, pois elas respondem também às determinações econômicas. O predomínio de uma classe dominante se faz por meio da reprodução das relações de produção, deixando, assim, a transformação em um segundo plano, já que a transformação é um processo da luta de classes. Nas palavras de Pêcheux (1999) “o aspecto ideológico da luta pela transformação das relações de produção reside sobretudo na luta para impor, dentro do complexo dos Aparelhos Ideológicos de Estado, novas relações de desigualdade-subordinação (145).

A luta de classes não é simétrica, pois cada classe tenta garantir o seu próprio benefício, sendo que a classe dominante faz uso dos AIE para perpetuar as “noções naturalmente evidentes”, contudo a interpelação dos indivíduos em sujeitos é um ritual com falhas, o que significa dizer que mesmo dentro dos AIE a interpelação ideológica não é plena (Pêcheux, 1999 147)

Em *O conto da Aia e Os Testamentos* o controle do Estado se faz tanto pelos AIE como pelos ARE, tendo como objetivo a manutenção da reprodução das relações

de produção. Nas palavras de Althusser (1987 46) “enquanto um funciona pela violência o outro funciona pela ideologia”, os ARE funcionam pela violência e estão a serviço do Estado, são a polícia, o exército, tribunais, prisões, etc. Já os AIE operam por meio da ideologia, como no caso das escolas, igreja, família, mídia, etc. Contudo, isso não significa que um AIE não seja violento e um ARE não possa ser ideológico.

Em *O Conto da Aia* a reprodução das relações de produção é assegurada pelos ARE, que por meio da força garantem as condições políticas para a instalação dos AIE, que veremos mais consolidadas em *Os Testamentos*. Os ARE operam pelo medo, as revoltas e insubordinações são imediatamente silenciadas por eles, nos livros a função de garantir a ordem é incumbida aos Anjos, Guardiões e Olhos. Os Anjos são uma classe de homens jovens, que fazem papel de polícia, andam armados e mantêm as mulheres em seus lugares. Os Guardiões protegem e vigiam as mulheres em Gilead. Os Olhos são homens que trabalham para o governo como espiões, são responsáveis por identificar as células de resistência em Gilead.

Nessa sociedade distópica uma das principais preocupações é com a procriação. As mulheres férteis são transformadas em Aias a fim de garantir a reprodução da espécie humana. As Aias têm a função de gerar a próxima geração, para isso são transformadas em propriedade, são tratadas como coisas e perdem todos os seus direitos, incluindo o direito ao nome, em trecho narrado pela personagem principal, Offred, é possível perceber a importância dada às Aias:

Não posso evitar ver agora a pequena tatuagem em meu tornozelo. Quatro números e um olho, um passaporte ao contrário. Supõe-se que isso garanta que eu nunca possa vir a desaparecer, por fim, em outra paisagem. Sou importante demais, escassa demais, para isso. Sou uma riqueza nacional. (2017 61)

Sendo as mulheres férteis tão importante para a procriação da espécie humana, era de se esperar que elas fossem tratadas como salvadoras, contudo a República de Gilead segue na direção contrária. Removendo todos os direitos das mulheres férteis, transformando-as, assim, em pouco mais do que objetos que tem como única função procriar. A fecundação é feita em uma “Cerimônia” de estupro, em que a Aia deve se submeter ao Comandante e sua Esposa seguindo uma passagem bíblica.

Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim receba filhos por ela. (2017 109)

Por se tratar de uma sociedade teocrática a reprodução só poderia ser carnal, uma vez que é contra os princípios da religião a reprodução por meios científicos, como por exemplo, a fertilização *in vitro* ou até mesmo tratamentos para tratar a infertilidade das mulheres. Entretanto, Gilead escolhe a maneira mais humilhante para as mulheres,

que é o estupro com o consentimento do Estado, da igreja, da sociedade. A escolha é parte da repressão a que as mulheres, tanto as aias como as esposas, são obrigadas a se submeter. Gilead tinha como objetivo a submissão de todas as mulheres e os ARE e AIE serviam a esses interesses.

A personagem principal, Offred, como todas as Aias não têm direito ao um nome próprio, pois ela é propriedade do Estado e pertence ao Comandante Fred (of + Fred). O seu nome foi apagado, na tentativa de apagar sua identidade, as Aias ficam cerca de um ano na casa de um Comandante, caso não engravidem são mandadas para a próxima casa, tendo seus nomes mudados constantemente: Offred, Ofglen, Ofwayne e assim por diante.

Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. Penso nesse nome como enterrado. Esse nome tem uma aura ao seu redor, como um amuleto, um encantamento qualquer que sobreviveu de um passado inimaginavelmente distante. (Atwood, 2017 103)

Ao dizer para si mesma que o seu nome não é importante, pois só serve para os outros, Offred tenta se assujeitar às práticas da ideologia dominante, todavia o nome não some de sua cabeça ela o preserva nas memórias. As memórias resistem em permanecerem, elas dão identidade para a personagem que mesmo assujeitada pelo ARE não se assujeita ideologicamente. Nesse sentido, o ritual na interpelação ideológica falhou, pois Offred não esquece a vida passada e partindo disso não se assujeita ideologicamente. Deixando a repressão como único instrumento de Gilead para manter Offred submissa.

As mulheres estéreis, que são a maioria, ocupam outras castas em Gilead. As Esposas, mulheres casadas com os Comandantes e homens de posição de poder, são as mulheres que criam as crianças geradas pelas Aias, cumprem o papel de mães, gozam de relativo poder por comandarem os empregados da casa, podendo tornas as vidas das Aias bem difíceis.

Uma das personagens fundamentais na narrativa é a Esposa do Comandante Fred, Serena Joy. No livro a personagem foi uma famosa cantora cristã com notoriedade na mídia, pregava sobre os deveres da mulher para com o lar e com os filhos. Era uma mulher em posição de poder que incentivava efetivação do regime teocrático de Gilead, como pode ser analisado no trecho a seguir:

Naquela altura, ela já não cantava mais, estava fazendo discursos. Era boa oradora, sabia fazê-los. Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela própria não fazia isso, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava

fazendo pelo bem de todos. [...] Ela não faz mais discursos. Tornou-se incapaz de falar. Fica em casa, mas isso não parece lhe fazer bem. Como deve estar furiosa, agora que suas palavras foram levadas a sério. (Atwood, 2017 58)

Com a consumação do golpe de Gilead, Serena, como todas as mulheres, perdeu grande parte dos seus direitos. Passou de figura pública à mulher do lar, tendo como única ocupação tarefas como tricotar e cuidar do seu jardim. Por se tratar de uma mulher mais velha a concepção de um filho não é mais uma opção, com isso a presença de uma Aia em sua casa é necessária, assim como a sua participação na “Cerimônia”.

Serena Joy fazia parte dos AIE disseminando a ideologia cristã na televisão, pregando para multidões, a palavra de uma mulher a favor da teocracia tinha um peso importante para o assujeitamento de outras mulheres à ideologia cristã. Contudo, quando a República de Gilead é instituída, Serena Joy passa a ser submetida ao ARE, sendo proibida de falar em público, de tratar de política e até mesmo de ler, ou seja, assujeitada a tudo que ela defendia.

As Marthas trabalham como empregadas nas casas dos comandantes, tendo como função o preparo de comidas e a limpeza da casa. Existem também as não-mulheres, são as mulheres que antes de Gilead eram homossexuais, feministas, adúlteras, atéias e etc. Essas mulheres foram enviadas para as colônias para fazer trabalho forçado que vão desde agricultura até limpeza de lixo tóxico.

Além das colônias existe o muro, em que os traidores são pendurados mortos para lembrar a todos o que acontece com traidores em Gilead. Os traidores trabalhavam com a resistência, homossexuais (traídos de gênero), médicos que faziam abortos antes de Gilead, etc. As colônias e o muro são usados por Gilead como ARE e operam por meio do medo no imaginário das mulheres e homens. Qualquer pessoa que for pega traindo os princípios de Gilead pode ser enviada para uma das colônias que é praticamente uma sentença de morte ou acabar pendurado no muro com um saco branco na cabeça.

As Tias são as únicas mulheres que fazem parte dos ARE, são as responsáveis pelo treinamento das Aias, no trecho a seguir fica explícito o poder de repressão que as Tias detêm:

As luzes eram diminuídas, mas não apagadas. **Tia Sara e tia Elizabeth patrulhavam; tinham agulhões elétricos de tocar gado suspensos por tiras de seus cintos de couro.** Porém, não tinham armas de fogo, nem mesmo elas mereciam confiança para portar armas de fogo. As armas eram para os guardas. Especialmente escolhidos entre os Anjos. (8)

As Tias também operam como parte dos AIE, elas ensinam (forçam) a ideologia dominante para as Aias. O trabalho de doutrinação que as Tias fazem nas mulheres férteis, talvez seja um dos mais importante dentro da sociedade de Gilead, pois é necessário

que as Aias se submetam aos “rituais” sem que seja preciso o uso da violência física, pois os corpos das Aias devem ser preservados. Nesse aspecto, os ARE e AIE trabalham conjuntamente, ainda que exista uma predominância dos ARE. Althusser (1987) argumenta que os aparelhos têm dois funcionamentos, um primário e um secundário. O ARE age primeiramente pela violência e secundariamente pela ideologia, já os AIE são o contrário, primeiro ideológica e depois pela violência.

Em *Os Testamentos* o papel das Tias se expande para além do treinamento das Aias, elas também são as professoras das meninas. Ensinam as artes domésticas, bordados, cultivo de flores e tudo que uma menina precisará saber quando se tornar uma Esposa. Só não ensinam a ler, pois nenhuma mulher, com exceção das Tias, tinha permissão para ler, podiam ser punidas com o corte de um dedo.

As Tias cumprem o papel de casamenteiras também, elas ajudam a escolher os maridos para as meninas, tendo cuidado para não formarem casais compostos por irmãos, para isso elas têm acesso às árvores genealógicas de todas as crianças nascidas e criadas em Gilead. Nesse segundo livro o papel das Tias está mais associado aos AIE, já que as meninas não conheceram outra realidade, a interpelação ideológica da ideologia dominante ocorre por meio do ensino, tanto na escola com as tias como em casa com a família. Dessa forma, a violência da perda dos direitos não ocorre, porque elas não conheceram outra realidade diferente daquela.

### **É preciso ousar se revoltar**

Até essa parte do artigo foram analisados os discursos que fazem parte dos aparelhos de Estado, pertencentes à ideologia dominante, que no caso das distopias analisadas aqui, são os responsáveis pela manutenção da reprodução das relações de produção. Entretanto, é preciso atentar para o fato de que todo ritual de interpelação é falho, não existe uma plena interpelação dos sujeitos, sempre fica algo que resiste a se submeter, isso fica evidente em diversos trechos dos livros nos depoimentos de Offred, Tia Lydia e Agnes.

Orlandi (1998), ao falar sobre resistência, afirma que “O processo de resistência é justamente isso: estabelecer um outro lugar de discurso onde se possa (re)significar o que ficou ‘fora’ do discurso” (17), ou seja, compreender os sentidos outros que não estão explicitamente no discurso, dando a eles outros significados. Isso significa que na AD a resistência ocorre quando a ideologia dominada entra em choque contra a ideologia dominante, quando ocorre uma luta entre as classes. Contudo, para que aconteça um processo de resistência, é necessário que haja uma falha no processo de interpelação do sujeito. Pois, segundo Pêcheux (2014):

- não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”.
- ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo”. (281)

A ideologia dominante sempre vai encontrar resistência, pois não existe uma plena interpelação. A resistência surge justamente onde a falha se instala, sendo que é do inconsciente que emerge aquilo que infecta de dentro da interpelação ideológica, trazendo para o discurso aquilo que não se assujeita da ideologia dominante. Cabe frisar que Pêcheux (2014) afirma que não se pode colocar o inconsciente como fonte da ideologia dominada, porque “a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia” (278), mas uma não pode ser pensada sem referência à outra. Carvalho (2015) resume que “a existência do inconsciente não tem, portanto, um fundamento ideológico; mas ele é ponto de tropeço a partir do qual se poderia fazer obstáculo à ideologia dominante” (122).

Pode-se dizer então que uma ideologia só existe em antagonismo a outra, ideologia dominante x ideologia dominada, ao produzir determinados enunciados os sujeitos se identificam com uma formação discursiva (FD) que pode ser da ideologia dominante ou se ideologia dominada. Nas distopias analisadas percebe-se a presença do que será chamado aqui de FD de Gilead em contraposição com a FD da resistência. Os sujeitos que se identificam com a FD de Gilead, são assujeitados ideologicamente à ideologia dominante, como é o caso da personagem Tia Lydia no primeiro livro. Enquanto Offred se identifica com a FD da resistência.

Para Pêcheux ([1975] 2014) [grifos do autor], FD “é aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (147), sendo que o assujeitamento ocorre pelo processo de identificação do sujeito com uma FD. Complemento com uma citação de Indursky (2020), que afirma que “é o indivíduo que, interpelado pela ideologia, se constitui como sujeito, identificando-se com os dizeres da formação discursiva que representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica” (306). Ou seja, a FD não pode ser pensada separadamente da interpelação ideologia do sujeito, pois a identificação com determinada FD está condicionada à ideologia.

Dessa forma, existem dizeres que são possíveis em uma FD e impossíveis em outra. Na FD de Gilead a “Cerimônia” não pode ser chamada de estupro, pois para os sujeitos que se identificam com essa FD a “Cerimônia” é algo sagrado e os corpos das Aias não são violados, pois elas estão ali justamente com a finalidade de procriação e isso é permitido pelas leis do lugar.

Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi. (2017 15)

Offred no relato acima resiste em se assujeitar, em se identificar com a FD de Gilead, ela não descreve a “Cerimônia” como sagrada, entretanto também não acredita se tratar de um estupro, o Comandante está apenas “fodendo” com ela, já que ela concordou em se submeter àquilo. Percebe-se nesse enunciado que Offred recupera do interdiscurso sentidos sobre o que é estupro. Nesse trecho percebe-se não um assujeitamento de Offred à ideologia dominante, mas sim o funcionamento da negação.

Para isso parte-se do princípio de que *O Conto da Aia* se trata de um testemunho da Aia Offred. Mariani (2016), ao teorizar sobre “a insistência do testemunho e a (im) potência para os dizeres” nos alerta que o testemunho não pode dar conta do todo vivido pelo sujeito, seja por causa dos esquecimentos, seja porque a linguagem não dá conta do todo. No caso de Offred a negação surge por ser impossível colocar em palavras o estupro, conforme Nunes (2017) “A não correspondência direta entre as palavras e as coisas se mostra nesse processo, por isso, como não é possível “botar” em palavras, se nega” (97).

Offred não chama de estupro por ter concordado com a “Cerimônia” para permanecer viva, contudo, a resistência se manifesta em não reconhecer a “Cerimônia” como foi doutrinada a fazer, dando outro sentido ao acontecimento.

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... (Pêcheux, 1990 17)

A resistência também é manifestada nas pequenas subversões, feitas às escondidas, como no trecho abaixo:

Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído. Na semiobscuridade podíamos esticar nossos braços, quando as Tias não estavam olhando, e tocar as mãos umas das outras sobre o espaço. Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca umas das outras. Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama: Alma. Janine. Dolores. Moira. June. (2017 12)

Em *Os Testamentos* a resistência parte de uma personagem improvável, Tia Lydia, apresentada no primeiro livro como um instrumento da repressão e da ideologia

dominante, tem uma transformação no segundo livro em que ela é apresentada como resistência à ideologia dominante, chegando até mesmo a tramar para a queda de Gilead e trabalhar juntamente com a Resistência Mayday. A possibilidade de conhecer Tia Lydia melhor e compreender suas motivações só ocorre no segundo livro, quando Atwood permite a narrativa em primeira pessoa da personagem. A transformação da personagem parte da repressão no primeiro livro à resistência no segundo livro, demonstra que nenhuma ideologia é capaz de interpelar completamente os sujeitos, sempre resta algo que se insubordina.

### Considerações Finais

Como vimos ao longo do artigo as CP foram determinantes para a criação das distopias, apresentando até mesmo algumas personagens que poderiam ser reais, como é o caso da personagem Serena Joy, que é uma representação dos discursos de muitas mulheres que existem na sociedade atual, mulheres que com direitos assegurados pregam por retrocessos que atingiriam principalmente as mulheres, incluindo elas próprias.

Retomando a questão das ideologias, percebe-se que o poder sobre os aparelhos de Estado é fundamental para uma manutenção da reprodução das relações de produção, já que o objetivo das ideologias dominantes é sempre se manterem dominantes, para isso é necessário que os sujeitos sejam assujeitados. Em *Os Testamentos* a interpelação ocorre de maneira mais “pacífica”, pois os AIE trabalham com afinco com a juventude de Gilead, que por não conhecer outras sociedades permanece reproduzindo os ensinamentos recebidos por Gilead. Enquanto em *O Conto da Aia* a única maneira de assujeitar os sujeitos é pela repressão, pelo medo, pela ameaça, os AIE que moldaram os sujeitos não foram os de Gilead, mas os de uma sociedade que foi extinta.

Embora os AIE e ARE trabalhem perfeitamente existe algo que é da ordem do inconsciente que se rebela contra a ideologia dominante em alguns sujeitos. Instituído, assim, as formas de resistência. Os livros são recheados de resistência, que mesmo em uma sociedade extremamente totalitária, faz com que os sujeitos se revoltam e encontrem maneiras de escapar da ideologia dominante. E isso não significa uma luta armada ou uma revolução, pois a resistência pode permanecer silenciosa e transformando aos poucos os sentidos das coisas.

### Bibliografia citada

Althusser, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado*. Graal, Rio de Janeiro, 1985.

- Hilário, Leomir Cardoso. “Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade.” *Anuário de Literatura*, vol. 18, nº 2, Florianópolis, 2013, pp. 201-215.
- . “Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade.” *Anuário de Literatura*, vol. 18, nº 2, Florianópolis, 2013, pp. 201-215.
- Nunes, Silvia Regina. “Violência sexual em mulheres durante a ditadura civil-militar no Brasil: o testemunho e a negação.” *Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia - Volume 1*. Orgs. Mônica Zoppi-Fontana e Ana Josefina Ferrari. Pontes, Campinas, 2017.
- Orlandi, Eni P. *O próprio da análise do discurso*. Série Escritos. Nº 3. LABEURB/UNICAMP, Campinas, 1998.
- . *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Pontes, Campinas, SP, 2015.
- Pêcheux, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 2018.
- . “O mecanismo do (des)conhecimento ideológico.” *Um mapa da ideologia*. Org. Slavoj Žižek. Contraponto, Rio de Janeiro, 1999.
- Silva, Cecília de Almeida, e Simone Oliveira Flores Silva. *Biopolítica e repressão feminina: configurações da reprodução humana no romance distópico O Conto da Aia de Margareth Atwood*. *Anais Do VI CIDIL*. Vol. 1, 2018, pp. 342-364.
- Silveira, Verli Fátima Petri. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário : da apresentação do mito em Contos gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira fechada, de Cyro Martins*. 2004. 357f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, RS, 2004.